

# **O UNIVERSO PARALELO: O HIP HOP COMO ALTERNATIVA DE REELABORAR EXPERIÊNCIAS DA JUVENTUDE PERIFÉRICA**

**MAÍNE ALVES PRATES**

**MARIA LÚCIA ANDREOLI DE MORAES**

**NEUZA MARIA DE FÁTIMA GUARESCHI**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado na disciplina de Pesquisa em Psicologia II  
no Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Neuza Maria de Fátima Guareschi

## **INTRODUÇÃO**

Onde se encontram alternativas para jovens de periferia que, por não encontrarem expectativas para o futuro, acabam buscando no crime uma forma de se destacar na comunidade e na sociedade ou buscando nas drogas uma forma de fugir daquilo que lhes é insuportável sentir: fome, frio, desesperança, menosvalia? Será que se encontra em um conhecido laboratório de uma respeitada universidade? Está nas mãos de grandes pensadores antigos e seus posteriores seguidores? Ou será que se encontra em nossa sociedade neoliberal e capitalista onde o individualismo é incentivado e admirado com frases do tipo “Fulano de tal é gente que faz” ou “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”?

Nesse presente trabalho pretendo analisar o hip hop. Movimento que surgiu no final da década de 70 como uma das alternativas encontradas pela comunidade periférica do Bronx nova-iorquino, em especial os caribenhos e os afro-americanos, para resignificar suas identidades étnicas e questionar possibilidades de uma política diferente em um cenário marcado por graves problemas sociais e políticos. O hip hop foi ganhando espaço entre os jovens excluídos ao longo dos anos até que chega ao Brasil na década de 80 e se torna hoje destaque entre os jovens não só pela manifestação artística, mas também pela consciência crítica e social entre os participantes do movimento chamado de “cultura de rua” (Silva, 1999, p. 28). Acompanhei alguns eventos de um grupo de rap, moradores do bairro Bom Jesus zona

leste de Porto Alegre, chamado Revolução RS. Além do grupo, eles fazem parte de uma ONG na qual promovem eventos e estabelecem comunicação entre outras comunidades onde discutem questões de interesse das comunidades periféricas.

Essa pesquisa justifica-se pela interessante história que estrutura o movimento hip hop constituído em sua maioria por moradores da periferia. O hip hop é uma forma de legitimar e fortalecer a arte, o talento e a voz dos excluídos buscando assim o reconhecimento e a potencialidade através de depoimentos de pessoas que são pouco ouvidas. Através das músicas, das danças e dos desenhos eles relatam, descrevem e protestam sobre a vida nas vilas, morros e favelas. Portanto, pesquisar sobre a cultura hip hop e ter a oportunidade de conhecer a sua dinâmica e funcionamento é a oportunidade de entrar em um “universo paralelo”, onde de um lado está a periferia violenta e bandida com seu tráfico de drogas e tiroteios e do outro lado está um movimento social preocupado em oferecer cultura e alternativas de uma vida digna para os moradores.

## **1 A EXCLUSÃO SOCIAL COMO FATOR PRINCIPAL PARA A ORIGEM DO HIP HOP.**

Entender a problemática social dos jovens da periferia é primeiramente contextualizar uma das situações atuais da sociedade que faz parte do cotidiano desses jovens: a exclusão social. Guareschi (2001) por meio de uma visão histórico crítica, expõe o surgimento da exclusão começando pelo sistema feudal cuja relação de posse ia desde a propriedade até às próprias pessoas que trabalhavam nela, passando pela Revolução Industrial onde umas pessoas eram “donas” das máquinas e das fábricas, e outras ofereciam o trabalho, única forma que tinham para sobreviver, até chegar à produção capitalista de dominação e exploração que prevalece em muitos locais até os dias de hoje instaurando uma falsa idéia de ‘liberdade’, proclamando que as pessoas, nesse novo modo de produção, passavam a ser livres, ‘pois podiam trabalhar ou deixar de trabalhar’ (GUARESCHI, 2001, p. 145). Após essa contextualização Guareschi (2001) aponta como uma das principais causas da exclusão social: a competitividade. Não só a competitividade de mercado, mas também entre os seres humanos, pois “O ser humano como ser isolado e egoísta (dogmas do

liberalismo), tem de competir para sobreviver, de um lado, e de outro lado, para trazer progresso” (GUARESCHI, 2001, p. 147). É através da competitividade que são excluídos uns e privilegiados outros, forçando as pessoas a lutarem para não serem excluídas ou rejeitadas. Além da competitividade, Guareschi (2001) salienta também a culpabilização psicológica como causa da exclusão social, porque há um endeusamento do individualismo e uma ‘individualização’ do social. Nesse caso, o ser humano é pensado sempre fora da relação, portanto seu sucesso ou fracasso deixa de ser uma responsabilidade histórica e social e passa a ser responsabilidade particular, individual:

Na legitimação da exclusão, é necessário encontrar uma vítima expiatória sobre quem descarregar o pecado de marginalização, ou quase genocídio, de milhões. Essa vítima é o próprio excluído. O culpado não é um sistema, baseado em relações excludentes, que faz milhões de pobres. Não existe, dentro da ideologia liberal, espaço para o social. Por isso o ser humano é definido como um indivíduo, isto é, alguém que é um, mas não tem nada a ver com os outros. (GUARESCHI, 2001, p. 154)

De acordo com Mendes, Bulla, Prates e Medeiros (2004), são descritos dois fatores de desigualdade que têm raízes profundas na cultura brasileira: gênero e raça. “Ser mulher e ser de raça negra faz toda a diferença quanto às possibilidades de inclusão social no Brasil” (p. 48). Além disso, uma das marcas mais importantes da formação social brasileira é a banalização dessa violenta desigualdade quando deveria ser vista com indignação. A pobreza é vista naturalmente como uma fatalidade que sempre existiu ou agora é consequência da globalização. Por essa razão, o combate a essa desigualdade se dá através de políticas voltadas a grupos específicos como grupos socialmente mais vulneráveis e reunindo o setor privado e a sociedade para participarem desse atendimento como se essa questão social não fosse um problema coletivo. Heschmann (2000) aponta que nos últimos vinte anos a sociedade brasileira vem se tornando cada vez mais heterogênea, complexa e diferenciada, em consequência disso, identidades tradicionais se desfazem para serem criadas outras tantas “gerando uma pluralidade de interesses e de demandas nem sempre convergentes, quando não conflitantes e excludentes” (HESRCHMANN, 2000, p. 36).

Por essa razão, os jovens da periferia são vistos como futuros perdidos, condenados, desde que nasceram, a serem marginais, drogados, com pouca escolaridade e pouca perspectiva de trabalho respeitado socialmente. Os jovens muito cedo são obrigados a largar a escola para trabalhar e garantir a sobrevivência da família. Família essa muitas vezes cercada de problemáticas múltiplas, como relações conflituosas, mortes trágicas, problemas de saúde e mães jovens chefes de família. Enquanto alguns jovens estudam e/ou trabalham visando um futuro melhor, mesmo com tantas dificuldades, outros desiludidos com os obstáculos impostos pela sociedade encontram uma alternativa rápida de conseguir dinheiro, poder e reconhecimento: o crime. Políticas públicas são realizadas com o objetivo de impulsionar o jovem ao mercado de trabalho e ao estudo como o Programa Primeiro Emprego, Projovem e Prouni. No entanto, muito mais do que posição social esses jovens têm o direito a manifestarem suas posições críticas, intelectuais e culturais a essa sociedade que os pressionam a ser “alguém na vida”.

Eis que surge, no bairro do Bronx nova-iorquino, o movimento hip hop no final dos anos 70 para que afro-americanos e caribenhos possam reelaborar suas práticas culturais e produzir através da arte uma interpretação das novas condições socioeconômicas postas pela vida urbana, na época em questão, a desindustrialização, o desemprego, o corte dos serviços públicos de apoio e o recrudescimento da violência urbana. Através das posses, espaços próprios onde os jovens produziam arte e se apoiavam mutuamente, os grupos juvenis desenvolviam “mecanismos estratégicos que possibilitaram reinterpretar a experiência juvenil nas ruas de forma positiva” (TOOP, 1991 citado por SILVA, 1999, p. 27), quer dizer, através do hip hop os jovens transformam a arte em momentos de reflexão e expressão política encontrando outros significados para sua vida. O hip hop no Brasil surgiu, de acordo com Andrade (1999) no início dos anos 80 na capital paulista. No início, “os *hip hoppers* conheceram o *break*, e dançavam nas pistas dos salões de baile, até chegarem às ruas da capital, no pioneirismo de Nelson Triunfo – a quem costumamos nos referir como o ‘guru’ do hip hop” (ANDRADE, 1999, p. 88). O grafite chegou quase concomitantemente ao *break* através de revistas importadas adquiridas nas lojas de uma Galeria chamada 24 de Maio – um espaço muito tradicional de recreação, compras e encontros da juventude

negra paulistana, localizado no centro de São Paulo. Em meados dos anos 80 chegou o rap, um ritmo que Andrade comenta ter sido apelidado de imediato por “tagarela” por ser um ritmo engraçado, rápido e divertido. Então, os grupos identificados e interessados pelo movimento hip hop passaram a pesquisá-lo difundindo-o no país. Grupos de dança foram formados e se apresentavam na Rua 24 de Maio e depois na Estação São Bento do Metrô. Com o rap passaram a fazer letras de música que expressasse a realidade de suas vidas. Foi assim que surgiram os grupos de rap do movimento hip hop como Thayde, DJ Hum e Racionais MC’s “pertencentes a esse momento histórico de introdução, consolidação e proliferação dos ideais do movimento no país” (ANDRADE, 1999, p. 88) que se identificaram com o movimento *black power* bem como figuras importantes como Martin Luther King e Malcon X.

A origem da palavra hip hop comenta Andrade (1999) significa balançar o quadril, um convite à diversão e sempre teve e continua tendo como proposta a paz. Acumular energias que poderiam estar voltadas à criminalidade centralizando-as na produção artística. “O hip hop, embora englobe os elementos artísticos *break*, dança, e o grafite, pintura, é o rap, música, o instrumento de maior poder e valorização no movimento” (ANDRADE, 1999, p. 86). O *break*, é uma dança que tem por característica movimentos em que o dançarino tenta reproduzir o corpo debilitado dos soldados que voltavam da Guerra do Vietnã e movimentos que copiavam as hélices dos helicópteros utilizados na guerra. O objetivo era mostrar o descontentamento dos jovens com relação à guerra. O grafite surgiu primeiramente para demarcar território de ação de determinado grupo, mas a pintura foi além dos guetos embelezando a cidade nova-iorquina. São desenhos que revelam dor, exaltação do grupo, repúdio a uma forma de opressão:

As raízes do rap, podem ser encontradas entre a população historicamente escravizada tanto no Brasil quanto dos EUA. No Brasil, os ganhadores de pau, que vendiam água nas ruas de Salvador, utilizavam-se do canto-falado em que o MC (mestre-de-cerimônia) conduzia o grupo. Nos EUA, houve os escravos das fazendas de algodão no sul do país, os *griots*, que também se utilizavam desse estilo de cantar. É um exemplo básico da transcendência negra: não importa onde estejam seus descendentes, há referências a culturas de origem africana que permanecem por gerações (ANDRADE, 1999, p. 87).

Apesar de até aqui ser enfatizado apenas três elementos (o rap, o *break*, e o grafite), Tella (1999) analisa que há um consenso entre as pessoas envolvidas com o hip hop de que há quatro manifestações artísticas que compõem o movimento: os MC's (mestres-de-cerimônia), os Dj's (disc-joqueys), o *break* e o grafite. Azevedo e Silva (1999) apontam que os sons utilizados pelos DJs geralmente vêm de artistas negros americanos dos anos 70 ou brasileiros identificados com o *soul*. Entre eles, Tim Maia, Jorge Bem Jor, Cassiano, Bebeto, Banda Black Rio, Hyldon e Gérson "King" Combo, ou seja, a geração do rap resignificou os sons do tempo do *soul*, música praticada pelos jovens negros em São Paulo nos anos 70, extraíndo sua base musical e transformou em rap nos anos 80 e 90. Os músicos do rap raramente possuem formação musical escolar bem como não tocam instrumentos convencionais. Todavia, "o aspecto realmente revolucionário do movimento hip hop foi abolir a noção tradicional de que só faz música quem tem a formação e toca instrumentos musicais" (AZEVEDO; SILVA, 1999, p. 77). Os equipamentos básicos utilizados são os discos de vinil, os misturadores ou *mixers*, que unem os toca-discos ou *pick-up*, e sampleadores, que são os equipamentos digitais que permitem o recorte, as montagens e a sobreposição de músicas que têm andamento, ritmo e tonalidades diferentes. Nas mãos dos DJs tais equipamentos transformam-se em verdadeiros instrumentos musicais.

## **2 COMUNIDADE E REVOLUÇÃO RS: DOIS ELEMENTOS QUE CAMINHAM JUNTOS.**

O grupo Revolução RS surgiu no bairro Bom Jesus zona leste de Porto Alegre por volta de 1993. Inicialmente engajados nos movimentos de rua como o skate, grafite, break e o rap o grupo já se identificava com o movimento hip hop pela sua forma de expressão. Influenciados pela primeira geração do rap nacional como Racionais MC's, Gog, Thayde e DJ Hum, o grupo, através de suas letras, denuncia e informa os problemas sociais que segundo ele, atinge e prejudica a grande maioria da população mundial: "O grupo atua no sentido de informar, conscientizar e mobilizar os jovens para uma ampliação dos estudos, lazer e esportes, com informação e posição política mais ativa, este é seu sonho, sua revolução." (Disponível em:

<http://www.omegahiphop.com.br/revolucaors/> Acessado dia 30/06/07 às 19h30). Na minha leitura, foi pensando em atitudes com relação ao que era denunciado através do rap que o grupo fundou a ONG 470 (470 fazendo alusão a linha do ônibus Bom Jesus que passa na comunidade). A ONG produz independentemente roupas movimentando costureiras da comunidade gerando trabalho e renda. Através desse trabalho, articulam-se outros movimentos na comunidade como um desfile das confecções produzidas onde as modelos são garotas da própria comunidade e feiras comunitárias como um canal de comunicação para outros empreendimentos populares. Também a ONG oferece oficinas de serigrafia, break, grafite e freestyle (estilo de rima onde o MC cria o rap de improviso acompanhando o ritmo do DJ) além de promover eventos de hip hop.

Destaco duas músicas cantadas pelo grupo nos shows as quais conseguem descrever características da comunidade, dos moradores, em especial os jovens, e a função do hip hop nessa comunidade. O rap “Russso” (aqui ressalto que é escrito dessa forma) relata sobre jovens que quando não estão na “correria” “vivendo na paz” estão no mundo das drogas se submetendo as piores situações para usá-la e tendo como consequência desde a perda da família até a morte. Também declara repúdio aos “canalhas” que assumem uma má conduta: “[...] vejo o fulano na vida se queixando na rua perambulando. Chapado até o pescoço o cara sempre viajando. Abusa da sorte, ta procurando a morte. Só ‘qué’ sai bebê, ‘chera’, ‘puxa’. Acha que o certo é se drogar. Não lembra nem dos amigos só ‘qué’ ‘andá’ com safado. Qualquer hora vai aparecer desfigurado (ta ferrado!) pra estatística exterminado. Não tem noção do perigo, não respeita os espaços. Pegaram esse dia ele com a TV do vizinho no braço. ‘Tomo um cagaço’, ‘levo um abraço’, levo tanta paulada que não conseguia dá um passo. [...] Bateu na mãe, na mulher, no próprio filho. Metido a macho em casa, mas na rua é “soco de quilo”. [...] Ei cara! Aprende! Pára de fazer bobagem. Se matar é muito fácil não seja covarde. Que barbaridade tchê! Há há há tu não sabes da metade. ‘Russso’, canalha aqui na área mano velho fica russso. Canalha aqui nos pampa tem que ter pulso [...] Pois fica ‘russso’ não é mais que justo. Aquele cara que diz ‘expert’ no assunto de te enrola, atrapalha e alimenta nossas idéias pro mano que vive na paz. Ele ‘juro’, ele ‘imploro’ que não foi ele [...] O canalha! Vê se entende e aprende que tua rima

aqui não vale nem o elo da nossa corrente [...] Entregou a mãe e os irmãozinhos. Agora ta sozinho tipo cobra cascavel sem ninho [...] O mundo dá mil volta, monte de bosta, o teu confirmado da antiga agora te deu as costas [...]. Meteu os pés pelas mãos e caiu na rima. Cocaína te envenenou. Queria dá a bunda pra paga, mas nenhum patrão topou. Fulano que vergonha! Um baita homem nego velho faz boquete pra paga maconha. Não teve pulso, fico avulso agora segue teu rumo porque ‘maluco’ ta ficando ‘russo’ [...] Tem que ‘tê’ humildade ‘tá ligado’ aqui no sul, São Paulo, Curitiba, Santa Catarina safado não se cria. Aí otário! Olha quem ta na tua cola Revolução RS [...] Só talento na quebrada. Bom Jesus! Aí bocada! [...] Respeito, humildade, 470. Paz.”

O hip hop com a força do MC alerta o jovem para que não caia nessa “teia” e não dê desgosto assim como o filho da “Dona Maria” que acorda às 5h da manhã para trabalhar enquanto o filho está perdido nas drogas e no crime descrita em seguida por alguns trechos do rap “Guri”: “com droga não era mano as portas se fecha. O futuro vira nada é numa só cheirada o patrão fica rico e tu fica sem nada. Seus amigos, que amigos? Cadê teus amigos? Agora só drogado é quem cola contigo[...] liga a tua vida a rima. Fica esperto, guri, quando ouvi no rádio a voz do MC. Firma a vida a tua vida e fica esperto guri [...] Mais uma vez o mesmo assunto numa letra de rap. Mais uma vez um conselho que pra você serve, mantém distância do que destrói a cabeça do que te deixa lento disso aí que você cheira. Que vai pra mente que te deixa dependente. Te deixa magro, um aspecto de doente. [...] Fazendo fita, queimando o filme, desagradável pra família, é, no mundo do crime. Fedendo a baralho velho, ninguém te quer. Não sabe qual é nem o que quer. [...] Mais uma preocupação pra dona Maria. Levanta as 5 da matina pra ‘faze o trampo’ e volta à noite e o moleque ainda ta no campo. Manipulando um jeito novo de perde a vida não se dá conta que só faz sofre dona Maria.”

Fazendo um breve resumo das letras e comparando com dados do Centro de Extensão Universitária Vila Fátima da PUCRS realizado em 1998. A população é composta em sua maioria por moradores do interior. Dos 126 entrevistados, 53% nasceram no interior do estado. Nota-se também que 71% que registram alguma situação crítica de violência, 37% foi de tiroteios e falta de segurança na vila, 24% brigas e discussões na rua com assassinato de parentes. Considerando o clima de violência e agressão existente na vila, foi constatado também que há um tabu em

relação a agressões feitas por pessoas da família chegando a 6%, enquanto que 63% reclamaram de situações externas as suas casas. Fazendo uma comparação com a última avaliação realizada no Campus Vila Fátima, em 1982, a segurança foi a maior reclamação dos moradores (41%) sendo requisitado policiamento e até um posto da Brigada Militar. Em 1998, é citada em segundo lugar (28%) sendo de maior urgência a questão do esgoto (39%).

Neste estudo foi informado que 10% das famílias estão envolvidas com problemas relacionados ao álcool: os problemas mais freqüentes foram no trabalho com 50%, brigas na família com 43%, problemas de saúde com 31% e acidentes 6%. O estudo lembra que é muito comum que problemas relacionados ao álcool sejam negados tanto pela família como pela pessoa que o apresenta.

A perspectiva sobre a vida da população de baixa renda, conforme essa mesma pesquisa, que vive em um ambiente violento é de exclusão e um sentimento de abandono social, e a luta muitas vezes insana pela sobrevivência fazem com que os moradores deixem de lado sua cidadania, sonhos, planos para si e para seus familiares e, principalmente, que deixem de lado a esperança de um dia poder mudar suas vidas.

Com base nesses dados torna-se claro a função do hip hop nessa comunidade: informar e combater não só as drogas, mas também a falta de expectativa de futuro por parte dessa comunidade e em especial ao jovem que facilmente é seduzido pelo mundo das drogas e do crime levando-o a conseqüências irreversíveis.

### **3 RELATO DE EXPERIÊNCIA: MEU PRIMEIRO CONTATO COM A COMUNIDADE E COM O GRUPO REVOLUÇÃO RS.**

Meu primeiro contato com essa comunidade foi em 2005 através de um estágio voluntário onde eu trabalhava com crianças em um extraclasses. As crianças participavam de atividades no turno inverso as aulas para que não ficassem na rua. Lá, minhas colegas e eu íamos do ônibus até o posto da vila Fátima e da vila Fátima até o ônibus de volta a universidade sem contato com as pessoas da vila com exceção das crianças. Em 2006, fiz meu estágio curricular de psicologia comunitária na comunidade e lá pude entrar mais em contato com a população através de triagens, grupos, visitas

domiciliares ou apenas observando as pessoas que freqüentavam o posto. Mesmo com tantas atividades, meu contato com a comunidade era muito artificial para mim como se eu não conhecesse intimamente a comunidade.

Entrei em contato com o Revolução RS através do DJ Péia que eu conhecia como Cássio. Nós fomos colegas no curso pré-vestibular e desde então nunca mais tive contato. Até que uma amiga, simpatizante ao movimento hip hop, comentou que era colega de faculdade dele. Eu nem imaginava fazer meu trabalho de conclusão sobre hip hop e pouco tinha contato com ele para saber que ele fazia parte desse movimento. Então um dia eu fui a uma palestra sobre cotas raciais onde vários grupos de hip hop iriam debater a questão e, para minha surpresa lá estava o Cássio, ou melhor, DJ Péia entre os integrantes do movimento. Aquelas palavras chamaram minha atenção. Diziam o quanto o hip hop poderia ser a salvação dos jovens e o quanto o movimento hip hop poderia se articular para combater as adversidades do cotidiano que desvirtuavam os jovens das comunidades. Foi a partir daí que surgiu o meu questionamento: Que força tem esse movimento a ponto de botarem tanta fé e esperança para ser a salvação do jovem de vila? Outra questão que me inquieta muito é a desvalorização do saber popular como se a grande maioria da população não pensasse em futuro, política e cultura. Pode não ser um saber científico, acadêmico, no entanto, é um saber genuíno pois surge a partir do empírico, de experiências que geram significados.

Então, ao entrar em contato com Péia descobri o interesse dele em se aproximar do posto para manter um canal aberto entre o Ksulo (casa de cultura onde se localiza a ONG 470) e o Centro de Extensão Universitária ou simplesmente posto para o pessoal da comunidade. O contato foi tão bem sucedido que teve apresentação do grupo na frente do posto no último dia do programa Agente Jovem oferecido pelo Serviço Social do Centro de Extensão com direito a apresentação de B-boy. Desde esse dia eu venho acompanhando o grupo em shows e eventos que eles participam.

Meu primeiro contato com o trabalho do grupo foi em uma das creches da comunidade. Peia estava oferecendo uma oficina de grafite para as crianças. Logo após, combinando algumas questões sobre o meu trabalho, Cássio me comentou sobre o evento que aconteceu na comunidade que se chamou “Garota 470”. Esse evento, segundo ele, foi criado para resgatar a auto-estima das mulheres da comunidade. A

intenção inicialmente era que as candidatas fossem adolescentes, mas inscreveram-se muito mais crianças. Cássio disse que o evento mobilizou toda a comunidade porque além das meninas, as mães das meninas também se mobilizavam e conseqüentemente a família das meninas para torcer. Em complemento a isso, olhei no site elaborado pela ONG 470 e vi o que foi colocado sobre o evento:

#### APRESENTAÇÃO:

Pela primeira vez no Bairro Bom Jesus, o concurso de Top Model Garota 470. O evento tem como propósito a promoção da beleza e atitude das mulheres da comunidade; Desfile das Marcas e Confeções independentes e Integração da cultura e geração de renda da produção local e de outras comunidades periféricas da região metropolitana de Porto Alegre. Uma idéia nascida na própria comunidade pela juventude local, uma iniciativa que nasceu em 1999 com a primeira confecção da marca 470, embrião de uma alternativa de geração de renda de artistas da cultura hip hop.

#### JUSTIFICATIVA:

A produção independente na área de confecção de roupas e serigrafia é cada vez mais fortes nas comunidades carentes como forma alternativa de geração de trabalho e renda. Eventos como a GAROTA 470, assim como as feiras comunitárias, são estratégicos para a visibilidade dos empreendimentos solidários, criando um espaço de confraternização e articulação entre os empreendedores populares e entre o público beneficiado. Viabilizando, assim, a divulgação e o acesso as produções independentes. (Disponível em: <http://www.hiphop470.com.br/galeria.php?tab=alb21&nome=CANDIDATAS%20%20GAROTA%20470&id=21> acessado dia 16/04/07 às 18h).

Com toda a repercussão que foi o concurso, estão pensando em organizar agora o “garoto 470”. Perguntei se os meninos iram se animar a participar desse tipo de concurso e Cássio responde que tanto se animaram que já procuraram Ksulo para perguntar sobre o futuro evento.

Obtive a prova da repercussão que foi a “Garota 470” quando um grupo de crianças chegou perto do Cássio para brincar de desfilar. Sentaram Cássio e uns meninos na frente de um pequeno palco enquanto que umas meninas desfilavam. Cássio falava: “quesito atitude nota 10, beleza 10, postura 10” e os meninos aplaudiam. Depois foi a vez dos meninos que se interessaram mais em dançar “break” (dança que pertence a um dos elementos do hip hop). Cássio propôs uma roda para as crianças dançarem como se faz em uma roda de “break”: cada um vai para o meio e dança.

Enquanto um dança, todos batiam palmas cantando: “b-boy... b-girl” que são os dançarinos do hip hop. Até Cássio entrou e dançou na roda.

O conceito de beleza para os jurados do evento (integrantes da ONG 470) foi muito mais do que a estética. Eles contemplaram a atitude das meninas no desfile com o intuito de potencializar a beleza da periferia ao contrário do padrão de beleza geral. A beleza transgrediu a homogeneização social e passou a ter significado próprio para essa comunidade. Esse conceito de beleza foi construído a partir do vivido, das relações do grupo que pertence à comunidade com a própria comunidade. É a postura e atitude de uma garota que conquista o público e não a beleza física. Guareschi (2002) explica que um grupo sempre terá uma dinâmica se pensarmos a partir das relações estabelecidas:

[...] “relação” vem a palavra “relativo”. Ora, relativo é o contrário de absoluto. Absoluto quer dizer total, completo, fechado, sem contradições. Se eu vejo, então, o grupo a partir de “relações”, eu vou ter uma visão de grupo sempre “relativa”, isto é, incompleta, em construção, em transformação. Isso que dizer que eu nunca posso “fechar” a compreensão de um grupo, saber tudo sobre um grupo. Se ele se constitui a partir de “relações”, estas “relações” são dinâmicas, sempre mutáveis, podem mudar de um momento para o outro. (GUARESCHI, 2002, p. 86).

Portanto, se um grupo está sempre em transformação e não podemos compreendê-lo de uma maneira estática, os conceitos produzidos por esse grupo também devem ser vistos dessa forma. Então, conceitos como beleza, atitude, postura, entre outras definições serão sempre analisadas sob o ponto de vista empírico de quem participa do contexto.

Destaco aqui o objetivo do hip hop: a reinterpretação das experiências juvenis de forma positiva, ou no caso, a reinterpretação de beleza além do padrão social constituinte. Posso identificar também relações políticas porque ao promoverem o evento, eles promovem também a sua confecção de roupas independente e a geração de renda da comunidade e de outras comunidades podendo assim fazer uma integração. É uma rede que se constitui através do trabalho podendo articular outros interesses como a cultura. Faço um destaque aqui para a capacidade do grupo em movimentar sua comunidade a ponto das crianças brincarem de desfilarem lembrando o

evento “Garota 470”. Um exemplo para mim de como esse evento foi significativo e valorizou a beleza adormecida dessa comunidade.

#### **4 O QUE A IDEOLOGIA HIP HOP TEM A OFERECER PARA A COMUNIDADE ACADÊMICA?**

Faço-me esse questionamento, pois ao refletir sobre uma manifestação social não-formal, imagino que, para alguns estudantes ou profissionais da psicologia, seja difícil associar essa ideologia com o trabalho do psicólogo. Por isso, através de relatos, exponho alguns aspectos encontrados em minha experiência com esse grupo e assim tentando responder minha indagação. Magro (2002) define adolescentes participantes do movimento hip hop como “autores cidadãos” (p. 1), ou seja, os adolescentes resgatam a educação e se reconhecem como capazes de formular questões relevantes para o campo social se tornando “autores de si mesmos” (p.1):

O jovem objetivando reafirmar a sua identidade (étnica e geracional) ao mesmo tempo em que reconhece a possibilidade de participar das relações sociais, exibindo suas opiniões na música ou simplesmente no estilo do grupo, consegue investir em seu autoconhecimento, faz pesquisas bibliográficas, organiza-se em grupos políticos, faz leitura de seu objetivo fundamental, politiza-se, instrui-se e deixa de ser um mero rapaz sem grandes perspectivas de futuro. (ANDRADE, 1997, p. 219 citado por MAGRO, 2002, p. 5 ).

A autora aponta que o hip hop pode ser evidenciado como a educação não-formal que tem como uma das características segundo Gohn (1997) citado por Magro (2002) a intenção dos sujeitos de criar ou buscar certos objetivos por meio de ações e fazeres coletivos organizados em movimentos, organizações e associações sociais. Pode-se considerar que as *posses* têm como objetivo o comprometimento dessa educação não-formal, pois indiscutivelmente têm o objetivo de reunir os adolescentes da periferia para uma ação coletiva visando à conscientização política, ao exercício da cidadania para aprender conteúdos que não são abordados com profundidade na escola formal “(como, por exemplo, o da questão racial e origem étnica do povo

brasileiro)” (MAGRO, 2002, p. 6) e também para produção artística e cultural. Nas posses o conhecimento nasce a partir das vivências dos participantes e são essas vivências que geram o aprendizado. Esse aprendizado ocorre por meio da comunicação oral e é carregado de tradições culturais e representações assim como emoções, pensamentos e desejos. Magro (2002) mostra que pelas escolas públicas, rappers estão tendo a possibilidade de atuar interagindo a educação não-formal em um espaço formal para que dessa forma, as crianças possam debater questões pertinentes à realidade social e cultural estabelecendo uma nova alternativa de informação e de conduta e adquirindo uma visão mais crítica do mundo. O rap especialmente tem essa característica de transmitir informações carregadas de valores e representações formando a consciência crítica aos seus ouvintes.

Entretanto, Guiddens (1989) citado por Carrano (2003) critica a palavra “autor” argumentando que se os agentes fossem mero autores num palco escondendo seus verdadeiros “eus”, o mundo social em parte estaria vazio de substância. O que fazem os autores (agentes) não serem apenas artistas é “um profundo e generalizado envolvimento coletivo nas rotinas da vida cotidiana” (CARRANO, 2003, p. 25). Isso significa que sujeitos e os grupos fazem parte de um complexo sistema de comunicação social que dá singularidade e sentido aos vínculos de uma comunidade desmistificando a idéia de “o indivíduo produz a sua própria consciência isoladamente, independentemente das relações sociais concretas” (CARRANO, 2003, p. 26).

Os próximos relatos exemplificam o que Magro (2002) junto com Carrano (2003) abordam sobre educação não-formal, relações sociais e políticas e agentes sociais: No dia 22 de abril, em um Domingo de manhã, foi realizada uma oficina culinária com a participação de mães da comunidade que tinham conhecimento em reaproveitamento de alimentos e, junto com elas, seus filhos. Ao todo foram 6 crianças entre 6 e 9 anos, 5 gurias e 1 guri, 3 gurias com mais ou menos 1,2 anos de idade e suas respectivas mães. As crianças maiores ajudaram na preparação da comida. O cardápio foi: bife de casca de banana; torta fria de pão, presunto, queijo e maionese caseira; arroz com cenoura sem casca e com talo da cenoura; refogado de caule de beterraba; bolinho de casca de aipim; feijão; suco de beterraba e de lanche: pizza com massa de aipim. Enquanto algumas pessoas anotavam as receitas feitas pela dona Efigênia,

responsável pela oficina culinária, outras, inclusive eu, ajudavam na preparação das refeições. Em um dos momentos, Maurício(Sadol) e as crianças se juntaram cantando rap e Sadol faz um freestyle (rap criado de improviso). Todos batendo palmas enquanto Cássio(Peia) filma e Uma meninas de 8,9 anos canta rap ao som do beatbox (som feito pela boca muito parecido com a música do rap): “Tu acha que elas sabem canta ‘Nego Drama’?! Elas só sabem cantar “Russo”! Pede pra elas canta Russo que elas cantam na mesma hora! Falou Sadol orgulhoso das meninas conhecerem o rap deles e não dos Racionais mc’s um grupo de São Paulo autor do rap “Nego Drama”. E complementa: “É... É a garota 470 essa aqui... Bom... Todas elas são”. Referindo-se a menina que estava cantando rap. A manifestação da cultura hip hop está presente em todos os momentos durante a preparação da oficina culinária através dos MC’s Sadol e Jeferson. Sadol ao falar com orgulho das meninas que sabem cantar a música do grupo (Revolução RS) fica claro para mim que umas das características do rap, a originalidade, continua sendo de vital importância. É o reconhecimento que o MC’s procuram ao escrever o rap; a identificação do ouvinte com a idéia que o MC quer passar.

Enquanto a comida estava cozinhando, Cássio(Peia) sentou com todos que estavam presentes e discutiu sobre a importância da oficina culinária de reaproveitamento de alimentos: “Por que que é importante esse evento? Porque foi aprovado no final do ano a partir de uma conferência de segurança alimentar a LOSAN que significa Lei Orgânica de Segurança Alimentar. O que que diz essa lei? Diz que todos têm o direito a alimentação diferente da constituição de 1988 onde o direito a alimentação era de um grupo restrito. Então o que garante a alimentação? O cuidado com o desperdício do alimento que é isso que a gente ta fazendo agora, a oficina de roupa no Ksulo que seria a geração de renda... Tudo isso é segurança alimentar. Segurança de que tu vai ter o teu alimento garantido e começando esse trabalho a gente conscientiza as pessoas do direito dela de ter acesso a alimentação e também a cuidar do alimento, da terra, não jogar lixo, enfim essa é a idéia que queria passar hoje.” A tarde foi realizada uma oficina de break onde Jeferson ensinava alguns passos básicos da dança para 13 crianças. Na despedida, muitos planos futuros. Jeferson

propõe apoiar Cássio na dança e em troca ele levaria a oficina culinária para a comunidade dele em Cachoeirinha região metropolitana de Porto Alegre.

O sentido de coletivo é evidente e muito significativo naquele encontro através da oficina culinária, pois esse evento surgiu a partir de alguém que se apropriou da lei de segurança alimentar e transmitiu para a comunidade conscientizando-as da importância de realizar aquela oficina e, principalmente, informando-as sobre seus direitos. Levo-me a avaliar que o movimento hip hop continua com o mesmo objetivo a qual surgiu, conforme Silva (1999), nos anos 70: expressão e consciência política. Também, retomo Magro (2002) ao considerar a educação não-formal do movimento hip hop uma possibilidade de reunir jovens da periferia para ações de cidadania, conscientização política, enfim, ações coletivas que não são aprendidas com tal profundidade na escola transformando jovens em atores (agentes) de si mesmos, pois estão envolvidos na comunidade buscando recursos para os moradores.

Outra questão muito importante de ser abordada é o que Mance (2001) chama de Colaboração Solidária. Para o autor, enquanto que a Economia Solidária está mais voltada para produção, consumo, administração para gerar empregos e distribuir renda, a Colaboração Solidária “é garantir a todas as pessoas as melhores condições materiais, políticas, educativas e informacionais para o exercício de sua liberdade, promovendo assim o bem-viver de todos e de cada um” (MANCE, 2001, p. 179). Ao meu ver, se fosse fazer uma analogia simplista, é como se Economia Solidária fosse um enfoque multidisciplinar onde cada um se relaciona com sua área mas totalmente independente uns dos outros e a colaboração solidária fosse um enfoque transdisciplinar cuja relação vai além da sua área, da sua disciplina. Essa analogia me ocorreu porque além do custo benefício material das pessoas a preocupação está no que essa colaboração possa repercutir no contexto tanto no aspecto político quanto cultural da rede de Colaboração Solidária. Entende-se essa rede por “ONGs, movimentos social-populares, sindicatos e partidos” (MANCE, 2001, p. 181).

O aspecto político se dá pela visibilidade que a rede passa a ter perante a sociedade podendo colaborar em discussões desde candidatura a governo até novas políticas públicas possibilitando o exercício de liberdade que não supõe apenas “condições materiais, mas também políticas, informativo-educacionais e éticas”

(MANCE, 2001, p. 180). Já o aspecto cultural, permite o acesso a uma diversidade de culturas e, conseqüentemente, a vários padrões conforme a sabedoria local levando ao conhecimento de novas organizações, modos de vida possibilitando trocas e tecendo uma ampla rede de informações. O “apoio” que Jeferson pede ao Cássio é justamente a colaboração solidária. Um modo de ampliar conhecimentos de comunidade a comunidade tornando-as aliadas para o bem delas e percebo isso não só nesse dia em questão, mas também em outros relatos em seguida relatados.

No dia 29 de Abril aconteceu um festival chamado Alvo de Hip Hop. O evento começou às 10h com campeonato de street ball (basquete de rua), freesession (sessão livre) de skate e oficinas de Dj (música) e B-boy (dança de rua). O evento foi apresentado pelo “Seguidor F” não sei o nome dele, mas sei que ele é um dos integrantes do Centro Cultural Alvo que fica no bairro Rubem Berta. Houve um aquecimento das equipes de basquete até às 13h quando se organizou os times e o campeonato. Os times podem ser mistos, quer dizer, homens e mulheres em um mesmo time. De mais ou menos cinco times que jogaram, dois havia mulheres sendo que em um time havia duas mulheres. Também um time chama a atenção por todos serem estrangeiros todos negros. Vieram da França, do Haiti, da Angola e do Moçambique. Pela manhã o aquecimento de basquete foi livre: todos os times usavam a quadra de maneira harmoniosa inclusive pessoas de times diferentes jogando no mesmo time.

As sessões livres de skate aconteceram durante todo o evento das dez da manhã até as sete da noite. Foram montadas rampas de madeira onde os skatistas poderiam realizar manobras ou simplesmente andar pela quadra. Havia skatistas de todas as idades de crianças a adultos homens e também mulheres (em minoria). O apresentador incentivava os skatistas a realizarem a manobra e destacava a presença das mulheres tanto no skate quanto no basquete.

Nas oficinas de B-boy (dança de rua) e de DJ (música) não apareceu ninguém, então, o grupo de b-boys chamado West crew ficou dançando ao som dos Djs Pesada e Maloka enquanto o apresentador falava: “É isso aí é o festival Alvo de hip hop! Um evento que une hip hop, basquete de rua e skate todos os elementos que fazem parte da rua, da periferia.”

Durante a tarde houve os jogos de basquete e algumas discussões em especial por parte de um time que gostaria de jogar como se joga o basquete de rua e o campeonato foi organizado como um basquete de quadra normal. Isso quer dizer que eles não poderiam fazer piruetas, arremessos acrobáticos ou provocar o adversário com jogadas elaboradas. Também iniciaram os shows de rap. Apresentaram-se respectivamente W Negro, Guelabeats, Nitro Di, Dependentes, Seguidores e Revolução RS grupos de rap de todas as partes de Porto Alegre e eles faziam questão de falar da onde vieram: Rubem Berta, Partenon, Bom Jesus entre outros bairros. No show do Nitro Di tinha um menino vestido tipicamente de rapper (boné e lenço na cabeça, camiseta comprida e calças largas) e ele foi apresentado pelo mc como “a nova geração do hip hop” quando a música tocou o menino dançava e dançou até o final da apresentação. Na metade do show o mc convidou as garotas 470 para subirem ao palco e cantar com ele. Elas emocionadas prontamente foram.

O grupo que eu acompanho tem muito prestígio pelo trabalho social que realizam. Posso constatar isso quando o “Seguidor F” apresenta o grupo: “[..] Diretamente da Bom Jesus junto com essa rapaziada projeto social e o rap andando junto, sempre vai dar certo! [...]” aproveitando a oportunidade Cássio (Peia) aproveita para divulgar o “Garota 470”: “Um evento que tá acontecendo lá na Bom Jesus que é o Garota 470. É um evento que ta acontecendo pra realmente a gente resgatar a auto-estima, a beleza e a luz do povo de periferia. [...] um programa que está tentando de todas as formas incentivar um certo talento pra essas garotas.” Então Cássio anuncia uma por uma que desfila apresentando as roupas da Grife independente que a ONG 470 confecciona e logo após todas desfilam juntas e são aplaudidas. Enfim, o grupo se apresenta, mas não canta todas as músicas por falta de tempo. Porém, o pouco tempo que eles ficaram conseguiram animar a platéia. As garotas 470 no palco dançavam e cantavam também.

A união entre diversas comunidades periféricas é coerente com a essência do hip hop que é, conforme Silva (1999), a integração de jovens de diferentes metrópoles associados aos grupos juvenis excluídos e aos afrodescendentes como o time de basquete formado por estrangeiros. União também do basquete de rua e do skate com a proposta de juntar os elementos de rua que fazem parte da diversão da juventude da

periferia; fato lembrado pelo “Seguidor F” apresentador do festival. Os esportes de rua junto com o hip hop chamado também de “cultura de rua” pelos pertencentes ao movimento. Cabe destacar aqui também a noção de gênero aqui apresentada. No jogo as mulheres, apesar de minoria jogam junto com os homens e, aparentemente, sem discriminação. No skate elas também são minoria, mas apesar disso são lembradas pelo apresentador do evento.

No show em que o menino vestido de rapper sobe ao palco, chama a atenção, pois Magro (2002) coloca como nova alternativa de informação e conduta e se o rap caracteriza-se por transmitir informações carregadas de valores e representações formando a consciência crítica dos seus ouvintes, o menino sem dúvida está carregando desde pequeno esses valores. Além disso, a colaboração solidária também é vista através da apresentação das “Garotas 470” e o desfile da grife de roupas porque através do festival o grupo pode mostrar o que a comunidade deles tem para oferecer: garotas bonitas, carismáticas e com atitude reelaborando a identidade dessas meninas de forma positiva assim como o movimento hip hop inicialmente no Brasil tentou reelaborar a identidade negra.

O grupo cria e busca objetivos por meio de ações e fazeres coletivos organizados em movimentos, como da ONG 470, e através de associações sociais, como o evento “Garota 470” que mobilizou toda a comunidade. Isso é o que Gohn (1997) citado por Magro (2002) caracterizaria de educação não-formal que tem por objetivo a união para uma ação coletiva visando à conscientização política, ao exercício da cidadania para aprender conteúdos que não são abordados com profundidade na escola formal, então essa educação não-formal é uma educação não homogeneizada mas que faz parte da realidade da comunidade desse grupo. Recapitulo Mance (2001) ao perceber que ampliando as relações de diversas comunidades fazendo com que vários elementos tanto do hip hop quanto dos esportes de rua estabeleçam diálogo, trocas e entretenimento, eles estão praticando a colaboração solidária fortalecendo a cultura da periferia. Cultura essa que não mobiliza as pessoas apenas para a diversão, também mobiliza para o protesto na luta por seus direitos. Como, por exemplo, a manifestação a favor das cotas raciais na universidade para afrodescendentes e índios relatada abaixo:

A concentração iniciou às 17horas. Cheguei às 17h45. A organização foi feita pelo ENJUNE (Encontro Nacional da Juventude Negra). Alguns discursos, palavras de ordem, rap e sambas eram emitidos através do carro som estacionado na esquina democrática. Cartazes, panfletos e apitos eram distribuídos e aos poucos as pessoas iam chegando. Entre os cartazes distribuídos havia frases como: “COTAS SIM! Uma política afirmativa de reparação justa. Igualdade de oportunidades pra valer!”; “A juventude negra diz: Desejamos apenas estudar e ser feliz, não queremos viver nem morrer nas prisões.” Vários grupos compareceram: comunidade do Morro Santa Tereza, Cruzeiro, Rubem Berta, e pessoas que vieram de Viamão para o manifesto. Chamou-me a atenção quando chegou o Grupo Revolução RS e os b-boys da comunidade Bom Jesus anunciados ao microfone: “ta aí chegando a rapaziada do 470!” E ao som das palmas emocionadas das pessoas presentes, eles se aproximavam. Todos à medida que chegavam cumprimentavam todos os que ali conheciam. Depois de alguns minutos de rap e samba, os b-boys da Bom Jesus se apresentaram no meio de uma grande roda ao som do rap, das palmas e dos gritos: “b-boy! B-boy!B-boy!” Em seguida, a passeata iniciou. Palavras de ordem acompanhavam o trajeto: “Contra as cotas raciais só racista!”; “Vem...vem...vem pra luta vem contra o racismo!” Pessoas aplaudiam, outras xingavam, um ovo foi jogado e finalmente chegou-se a UFRGS e quando o grupo começou a entrar na universidade, havia apenas uma palavra de ordem: “O abre alas que o negro vai entra. O abre alas que o índio vai entra. Porque favor eu não quero não. Tenho direito a educação!” Todos ajudavam ou portando cartazes médios ou grandes, apitando ou apenas gritando.

Tiraram fotos sentados em volta do símbolo da UFRGS. Um dos b-boys começou a sacudir e bater no símbolo mas rapidamente chamaram a atenção dele. Quando chegamos em um espaço aberto que poderíamos ficar PX, um dos componentes do grupo Revolução RS, anunciou que não autorizaram a entrada do carro som na universidade: “[...] Não autorizaram o carro som aqui porque estão tentando calar a nossa voz. Mas, eles não vão conseguir calar a nossa voz [...]” Voltaram-se as palavras de ordem e os discursos indignados: “tem sangue negro aqui! Foram negros que construíram isso aqui! Eu tenho direito a estar aqui!” Todos aplaudiram fervorosamente. Entre uma palavra de ordem e outra, PX incentivava as pessoas através do seu

discurso. Foi sugerido fazer uma roda. Todos unidos pulando e gritando: “cotas raciais! Cotas raciais!” Também foi feito uma roda de Freestyle onde todos os mc’s presentes ajudavam improvisando um rap e as pessoas ajudavam batendo palmas. A cada rima ia se construindo o “rap pelas cotas” (nome de divulgação do evento). E assim o evento ia chegando ao fim com vários convites para outras manifestações que seriam realizadas até o dia da votação pelas cotas na universidade no dia 15 de junho.

Observa-se a militância do movimento hip hop agindo de acordo com aquilo que eles tanto protestam nas letras de rap que escrevem já que umas das propostas é a denúncia em relação ao descaso da sociedade em relação à periferia. O protesto, a denúncia, a crítica política, tudo isso foi importante para que o hip hop surgisse e atualmente essa postura não foge a regra. Meninos participam do protesto não só dançando, mas também apitando e levantando cartazes. São os “mecanismos estratégicos que possibilitaram reinterpretar a experiência juvenil nas ruas de forma positiva” explicado por Toop (1991) citado por Silva (1999) p. 27. O reconhecimento da força o hip hop como consciência política evidencia-se através do reconhecimento das pessoas que aplaudiram o grupo Revolução RS ao chegar. Observa-se também quebra da homogeneização, pois o hip hop pode não ser uma manifestação artística autêntica entre a sociedade, mas é muito aceita pela periferia afirmando assim a colocação de Silva (1999) que diz que o sentido de arte para o movimento hip hop associa-se ao vivido e não ao contemplativo no sentido ocidental do termo, pois, desde as origens, a dança, o grafite e o rap tornaram-se expressão de uma nova consciência política. Portanto, através dessa manifestação, constata-se que o hip hop não perdeu os dois temas fundamentais citados por Silva (1999) que são “a reconstrução da identidade negra e a experiência juvenil na periferia” (p.28) fazendo com que os participantes se tornem segundo Magro (2002) “autores de si mesmos” (p.1)

O jovem objetivando reafirmar a sua identidade (étnica e geracional) ao mesmo tempo em que reconhece a possibilidade de participar das relações sociais, exibindo suas opiniões na música ou simplesmente no estilo do grupo, consegue investir em seu autoconhecimento, faz pesquisas bibliográficas, organiza-se em grupos políticos, faz leitura de seu objetivo fundamental, politiza-se, instrui-se e deixa de ser um mero rapaz sem grandes perspectivas de futuro. (ANDRADE, 1997, p. 219 citado por MAGRO, 2002, p. 5 ).

Após essa citação, inspiro-me a tentar responder minha questão inicial: o que a ideologia hip hop tem a oferecer para a comunidade acadêmica? Bom, se considerar a pessoa de acordo com Guareschi (2002) como “relação”, quer dizer, pessoa com sua singularidade, mas definidos a partir das milhares de relações estabelecidas durante a vida, entende-se que para um sujeito ser, pleno, completo, é preciso organizar a sua rede de pertencimento: sua família, amigos, vizinhos, comunidade, etc. Então, o movimento hip hop tem muito a oferecer a comunidade acadêmica, em especial, as ciências humanas como a psicologia, pois um sujeito não é só a pessoa e seus sofrimentos intra-psíquicos, ela é um contexto político, social e cultural. Um sistema muito maior e complexo que deve ser observado, considerado e respeitado.

## **CONCLUSÃO**

Apesar de todo meu discurso positivo em relação aos benefícios que o hip hop traz aos participantes, não sou representante do movimento e nunca fui. Sou apenas uma estudante de psicologia impressionada com os diversos recursos que os representantes do movimento hip hop oferecem. Em meio a tantas dificuldades sociais, econômicas e, porque não, particulares, o grupo se mostrou motivado em cada evento que presenciei. Fiquei muito emocionada ao observar a união, a força e a postura do movimento hip hop em buscar alternativas de bem estar para os jovens que poderiam estar gastando energia na criminalidade como Andrade (1999) relata, ou nas drogas como o próprio rap do grupo descreve. A empolgação dos MCs falando das “Garotas 470”, idealização por eles construída e aceita na comunidade, o brilho nos olhos nas apresentações, nos protestos, nas oficinas, de jovens e do próprio grupo foi por mim percebido e vivenciado a cada minuto. Onde estão as alternativas para os jovens da periferia? Está em um lugar onde no mínimo eles se sintam compreendidos, ouvidos e apoiados. Não condeno aqueles que falam mal da sociedade de uma maneira geral em suas letras de rap, porque é evidente o abandono social que as comunidades periféricas vivem. Entretanto, por mais que eu negue essa afirmação, eu faço parte dessa sociedade. Eu sou o que muitos jovens da periferia chamam de “patricinha”. Eu tive dinheiro, estudo e oportunidade de estar onde estou. Mas, mesmo nessa posição,

eu tenho um profundo respeito e admiração pelo movimento hip hop pela capacidade de se colocarem acima das marcas identitárias de “maloqueiro”, “marginal”, “traficante”, “ignorante”, etc. Capacidade também de união, de colaboração que transcende a necessidade básica de se alimentar: é desacreditar no individualismo e passar a acreditar que “eu sou um que tem haver com os outros” e que preciso dos outros para ser o que eu sou e o que quero ser. É necessária uma rede de colaboração solidária para fortalecer a idéia dos excluídos e reforçar a identidade da juventude periférica que acabam se perdendo na hegemonia da sociedade.

Entrar nesse “universo paralelo” sem dúvida para mim foi uma experiência jamais esquecida e deveria ser experimentada por todos aqueles que não acreditam que a periferia tenha conhecimento para transmitir. A periferia tem e muito para ensinar, mas quem irá ouvi-los? Eu aprendi durante o curso de psicologia que a escuta é fundamental para a compreensão, pois é através da linguagem que a pessoa é capaz de comunicar e quem usa mais a linguagem que o MC? Uma linguagem simples, popular e para algumas pessoas muito vulgar. Entretanto, foi por meio dessa linguagem que jovens desde a década de 70 em todo o mundo encontraram uma nova de expressar sua dor, revolta, descontentamento e até alegria de viver em bairros marginalizados, com poucos recursos materiais e emocionais. Também, muito mais do que expressão, eles encontraram a salvação das suas identidades culturais e puderam reformular os seus espaços na sociedade. Poderia ficar por muito tempo falando da satisfação que foi realizar essa pesquisa e conhecer uma alternativa saudável para o jovem da periferia reelaborar suas experiências de forma positiva, porém vou deixar para quem se interessou procurar mais sobre esse assunto. Então, como aconselha o grupo Revolução RS: “Liga a tua vida a rima e fique esperto guri quando ouvi no rádio a voz do MC!”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Elaine Nunes de. Hip Hop: movimento negro juvenil. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- AZEVEDO, Amailton Magno Grillu; SILVA, Salloma Salomão Jovino da. Os sons que vêm das ruas. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GUARESCHI, Pedrinho A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, Bader (Org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GUARESCHI, Pedrinho A. Relações comunitárias – relações de dominação. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- MANCE, Euclides André. **A revolução das redes**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622002000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200005&lng=pt&nrm=iso). Acessado dia 08/09/06 às 13h08.
- MENDES, Jussara M. R.; BULLA, Leonia C.; PRATES, Jane C.; MEDEIROS, Maria B. M. A exclusão social como uma das manifestações da questão social no contexto brasileiro. In: BULLA, Leonia C.; MENDES, Jussara M. R.; PRATES, Jane C. **As múltiplas formas de exclusão social**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e educação: a experiência do movimento Hip Hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- TELLA, Marco Aurélio Paz. Rap, memória e identidade. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.